

Trabalho



MANIFESTAÇÃO

Trabalhadores e empresários se unem pela indústria e pelo emprego

Foto: Jaélcio Santana



Miguel Torres: "Queremos mostrar à população a atual realidade que estamos vivendo"

Passeata acontecerá a partir das 10 horas do próximo dia 13 na Av. Paulista

Há vinte anos a indústria brasileira gerava 27% das riquezas do País. Hoje, não chega a 9%. "Empregos no setor eram sinônimos de orgulho para os trabalhadores, que tinham bons salários. É justamente por estes empregos dignos e uma indústria forte que vamos às ruas no próximo dia 13", afirma Miguel Torres, presidente da Força Sindical. Trabalhadores e empresários farão o ato 'Grito em Defesa da Indústria e do Emprego'. Juntos, irão, em passeata, às 10 horas, do Paraíso até o vão livre do Masp, na Av. Paulista. Para Miguel, "a crise sem precedentes na indústria nacional pode levar o País a regredir à condição de produtor e exportador de commodities (produtos agrícolas e minerais), e deixar de gerar bons empregos, condenando a maioria à pobreza".

A redução do número de empregos tem sido constante na indústria. A continuar o atual processo de definhamento industrial, em menos de cinco anos o Brasil estará entre os países menos industrializados do mundo. De acordo com o levantamento do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), 345.417 trabalhadores foram demitidos entre janeiro e maio deste ano, a maior parte do setor industrial.

"Queremos mostrar à população nossa atual realidade. Cabe à sociedade, e não apenas ao governo, decidir qual o País que queremos para nossos filhos. A crise da indústria não pode ser preocupação apenas do setor e dos seus trabalhadores, mas sim de todos os brasileiros. Sem indústria não há desenvolvimento", ressalta o presidente da Força Sindical. "Vamos, juntos, trabalhadores e empresários do Brasil, fazer do dia 13 uma data histórica!", clama Carlos Pastoriza, presidente da Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos).

NEGOCIAÇÕES COLETIVAS



Foto: Arquivo Sindical

Mulheres querem aumentar participação

Para fortalecer a participação das mulheres nas negociações e decisões que envolvem o mundo do trabalho, Força Sindical, UGT e CUT realizaram o Seminário Nacional de Gênero e Negociação Coletiva, com o apoio da Confederação Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras nas Américas (CSA), entre os dias 3 e 4. Maria Auxiliadora dos Santos, secretária nacional de Políticas para as Mulheres da Força Sindical, destacou o papel do movimento sindical para abrir mais espaço para as mulheres na luta por direitos. "Devemos mobilizar as trabalhadoras, pois as mulheres ainda ocupam cargos inferiores em comparação aos homens", afirmou. A economista Marilane Teixeira, da Cesit/Unicamp (Centro de Estudos Sindicais e

de Economia do Trabalho, da Universidade de Campinas), ressaltou que são poucas mulheres que se sentam à mesa de negociação com os patrões. "Precisamos mudar este quadro. As mulheres devem se qualificar para participar mais do processo de negociação coletiva e lutar por mais direitos", disse.

Além de Maria Auxiliadora participaram do encontro, pela Força Sindical, Aparecida Carmelita de Souza (Costureiras); Maria Euzilene Nogueira (Metalúrgicos SP); Ruth Coelho Monteiro (Têxteis); Vilma Pardino (Químicos); Regina Strepeckes e Patrícia Rosa de Oliveira (Eletricitários); Edna Maria (Saúde); Elizabete Prativiera (Autônomos); Josileide de Oliveira (Construção Civil).

ALIMENTAÇÃO



As negociações do segundo semestre prometem ser tão duras quanto as do primeiro

Sindicatos intensificam campanha salarial

Começa a mobilização dos trabalhadores da alimentação para as campanhas salariais do 2º semestre. "Já entregamos as reivindicações aos patrões. Agora, precisamos definir um calendário de negociação das Convenções Coletivas de Trabalho. Reivindicamos a correção da inflação e 5% de aumento real", informa Melquíades de Araújo, presidente da Fetiasp – Federação da Alimentação de SP.

Ao lado dos Sindicatos filiados, a Federação fechou acordos para os trabalhadores com datas-bases no 1º semestre. "As negociações foram duras, e no 2º semestre não serão diferentes. Vamos intensificar a mobilização nas bases para fecharmos os melhores acordos possíveis", destaca Araújo.

Araújo observa que as prioridades neste ano são manter os empregos, conquistar aumento real e manter o poder de compra: "10% de inflação significa um prejuízo enorme para os trabalhadores. O salário acaba e o mês continua", diz.

Têm data-base em 1º de setembro os trabalhadores das indústrias de água, azeite e óleo, cacau e balas, massas alimentícias, sorvetes e congelados, mandioca, milho e soja, pesca, vinho (Jundiá e São Roque), os beneficiamentos, como de arroz e aveia, laticínios, torrefação e moagem, café solúvel e panificadores (Interior de SP). Já os trabalhadores do trigo e da Nestlé têm data-base em 1º de novembro.

Outras reivindicações: piso salarial de R\$ 1.500; multa de R\$ 1.500 para empresas que não têm programa de Participação nos Lucros ou Resultados; cesta básica de R\$ 250, cesta natalina, vale-refeição para empresas que não fornecem refeição no local de trabalho, no valor de R\$ 20/dia; convênio médico e odontológico sem custo para funcionário e dependentes; não à terceirização nas atividades-fim e vale-cultura.

OPINIÃO

Miguel Torres
Presidente da Força Sindical



A desindustrialização e o desemprego

O processo de desindustrialização que o País vem atravessando, com prejuízos incalculáveis à indústria nacional e um alarmante quadro de desemprego, era um cenário anunciado, uma vez que a Força Sindical vem, há tempos, alertando o governo sobre sua política econômica equivocada, de juros abusivos, inflação alta, tarifas caras, falta de planejamento e de investimento, entre outros desacertos.

Somente de janeiro a maio de 2015, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, 345.417 trabalhadores foram demitidos. E a grande maioria na indústria, justamente onde estão os melhores empregos e salários. E o pior é que, apesar desse panorama desfavorável, o governo insiste em dar continuidade aos seus erros, dando a entender que o quadro tende a se agravar. Ou seja: os trabalhadores brasileiros, que já estão convivendo com situações-limite no que se refere à desindustrialização e à perda de postos de trabalho, tem com o que se preocupar ainda mais. Não será mantendo os juros proibitivos, aumentando tarifas e encarecendo o crédito, entre outras demandas, que a economia brasileira será impulsionada, que as indústrias voltarão a produzir e os empregos serão mantidos.

O governo tem de se mexer!



NA LUTA PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES

www.fsindical.org.br



twitter.com/centralsindical



facebook.com/CentralSindical